

Um sentimento de tragédia atravessa a pintura de Maria João Franco. A sua visão do mundo, constrangida pela dor e pelas sombras de que são feitas as noites longas do tempo, deixa-nos pressentir fragmentos de corpos nus, talvez destroços de sonhos que se materializaram de forma enovelada e parda. Enfrentamos nesses espaços um conjunto de enquadramentos sumários, na aproximação de cada focagem, de cada pedaço de matéria, de coisa inominável. Não sabemos quase nunca, se nos defrontamos com matérias inorgânicas ou com materiais orgânicos, se a vida passou por ali, entre gritos mutilados e palavras sem voz (...)

(...) Os pontos de partida encontram-se parcialmente com os pontos de "chegada", as pinturas rupestres, os sulcos das rochas, e os materiais em extrema diversidade desta civilização auto-fágica.

O drama desta obra parte de si mesma, do modo de a formar, desde a mistura lúdica de vários materiais sem sentido até à grande metáfora do nosso destino cósmico (...)

(...) Os fragmentos dos corpos que surgem naquela pintura são vestígios simbólicos, sagrações de um sofrimento absurdo. Bocados de gente ou de deuses, em todos os tempos houve vagabundos e artistas parietais viajando no ciclorama do mundo e aí gravando mensagens premonitórias, a raiva e o amor, a guerra e a paz. Desertos de pedra. Rochas que modelamos na cova de um imaginário perturbado por tantos milénios de perguntas sem resposta.

Eis-nos de novo perante as paredes das cavernas, amassando óxidos e outras impurezas, riscando ou sobrepondo figuras de um contexto duríssimo. A pintura abstracta de Maria João Franco vai buscar às raízes expressionistas e líricas a massa para um novo começo das coisas, terras, gelos, rochas, a misteriosa simbiose da mistura dos materiais inorgânicos com os orgânicos, água deslizando, sangue a anunciar os sacrifícios iniciais, perante um deus feito à imagem e semelhança de um homem pretérito.